

## Trabalhos arqueológicos no sítio do Texugo (Vila Nova de Foz Côa)

João Muralha Cardoso<sup>1</sup>, Mário Reis<sup>2</sup>,  
Carla Magalhães<sup>3</sup> e António Batarada<sup>4</sup>

### o. Introdução

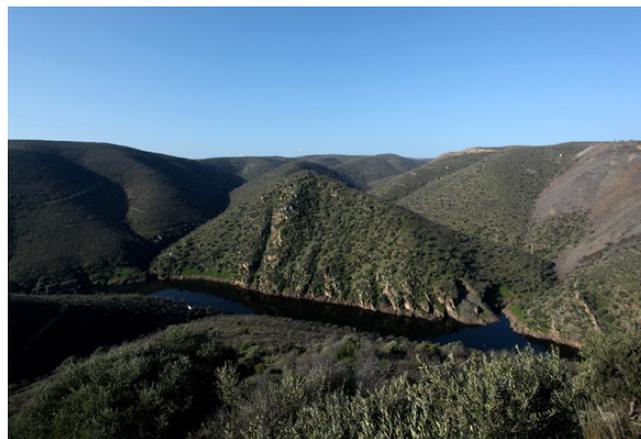
O presente trabalho diz respeito à segunda intervenção arqueológica do Projecto de Investigação denominado “*Uma investigação sobre a Pré-história Recente do Vale do Côa. Dinâmicas de uso e ocupação do território*”<sup>5</sup>, que tem como objectivo principal o estudo das dinâmicas de povoamento da Pré-história Recente no Vale do Côa. O trabalho de campo foi realizado no sítio do Texugo.

Em artigo recente, relativo à intervenção arqueológica nas Pedreiras do Poio (Magalhães *et al.* 2020:103-104), elaboramos uma pequena síntese sobre o estado da arte dos projectos que se têm dedicado à Pré-história Recente no Vale do Côa. Não a iremos aqui repetir, mas torna-se agora importante acrescentar a existência de novos estudos a decorrer naquele vale. Esses projectos foram seleccionados por júri internacional no âmbito do concurso “Projetos de Investigação Científica e Desenvolvimento Tecnológico para a Promoção de atividades de I&D de âmbito interdisciplinar e pluridisciplinar a realizar na região do Vale do Côa”. Um desses projectos, *LandCraft - os contextos socio-culturais da arte da Pré-história Recente no vale do Côa*, compreende a análise de contextos arqueológicos de

locais igualmente enunciados no PIPA aqui referido. Desta forma, tornou-se premente a formação de uma parceria entre estes dois projectos.

### 1. O Sítio; georeferenciação, caracterização, participantes, datas e enquadramento.

O sítio do Texugo, de um ponto de vista geomorfológico, localiza-se num cabeço de aspecto cónico, em esporão, sobranceiro ao rio Côa, na sua margem esquerda. É um local visualmente imponente, com encostas inclinadas e rochosas à excepção do seu flanco Oeste, onde se abre o colo de acesso ao sítio. Tem uma cota de 295m acima do nível do mar. Localiza-se entre as pedreiras do Poio e o monte do Fariseu. Geologicamente, localiza-se em terrenos do Supergrupo Diúrico-Beirão (“Complexo xisto-grauváquico”) na formação da Desejosa, composta por filitos cloríticos com intercalações de metagrauwaques e rochas calcossilicatadas. Esta é uma formação alóctone (Ribeiro 2001).



**Fig. 1: Enquadramento do sítio do Texugo entre o vale da Figueira e o vale do Videiro, visto da margem Norte do Rio Côa**

O acesso ao sítio é feito por caminho de terra batida desde a estrada que dá acesso às pedreiras do Poio e depois por caminho de pé posto, atravessando a Quinta do Texugo.

Este sítio foi identificado no Verão de 2005 por Mário Reis, um dos colaboradores deste projecto de investigação, no âmbito do seu trabalho de prospecção de arte rupestre no Parque Arqueológico do Vale do Côa

<sup>1</sup> CEAACP/UC, Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património/Universidade de Coimbra.

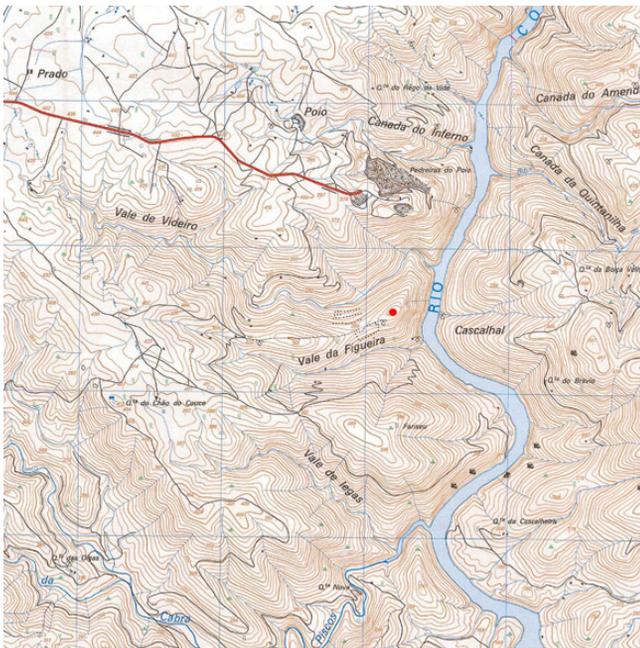
<sup>2</sup> Fundação Côa Parque; CEAACP/UC.

<sup>3</sup> Fundação Côa Parque.

<sup>4</sup> Direcção Geral do Património Cultural; CEAACP/UC.

<sup>5</sup> Na fase final de preparação deste artigo, foram os autores surpreendidos, assim como todos aqueles que se interessam pelo Vale do Côa, pela triste notícia do falecimento súbito de Bruno Navarro, Presidente da Fundação Côa Parque. Tendo este projecto sido acarinhado e apoiado desde o início por Bruno Navarro, os autores prestam assim pública e sincera homenagem a quem soube impor a investigação científica em várias áreas do conhecimento como um dos rumos de futuro para o Vale do Côa.

(e, na altura, também ao serviço do ex-CNART – Centro Nacional de Arte Rupestre). O local não se encontrava assinalado na base de dados de sítios arqueológicos do PAVC. A sua escolha para ser prospectado deveu-se à conjugação de dois factores. Em primeiro lugar, a sua excelente implantação, como cabeço isolado sobre o Côa, com um topo achatado. Em segundo lugar, o facto de estar sobranceiro a dois sítios de arte rupestre já então conhecidos, Vale de Figueira e Vale de Videiro, com rochas decoradas do Paleolítico Superior e da Pré-história Recente na base do cabeço, no início de uma imensa falésia integralmente rochosa e que se prolonga até ao topo da encosta, sendo assim o topo do cabeço o acesso mais exequível aos painéis superiores desta falésia. Na altura, na parte superior do cabeço, foram encontrados alguns materiais cerâmicos, muito desgastados, manuais e de difícil caracterização cronológica. No entanto na altura apontou-se para uma cronologia da Pré-história Recente. Na área mais elevada do cabeço, na zona de acesso ao topo, detectou-se o que aparentava ser um grande derrube de uma eventual estrutura antiga, de cronologia desconhecida.



**Fig. 2: Localização da intervenção arqueológica (pequeno ponto vermelho), em cartografia CMP 1:25000, folha nº - 141, com as seguintes coordenadas: Latitude – 41° 02' 38,1''; Longitude W (Greenwich) 7° 07' 10,3''; Altitude – 297 m (ponto médio)**

Os trabalhos decorreram entre 26 e 31 de Outubro de 2020 e contaram com a presença de Mário Reis e João Muralha. Carla Magalhães por razões de saúde e António Batarda por motivos profissionais, não estiveram presentes. No entanto, todos os elementos participaram na organização e logística da intervenção arqueológica. Mário Reis fez todos os registos fotográficos e João Muralha ocupou-se dos registos gráficos.

Como já referido na introdução, estes trabalhos enquadram-se no projecto PIPA, apresentado e aprovado pela tutela no ano de 2019, ficando vigente até 2022.

Toda a logística de trabalho de campo (escavação, organização e sistematização de materiais) foi assegurada pela Fundação Côa Parque, (entidade enquadrante), a qual cedeu instalações para tratamento dos materiais (lavagem e contentorização adequada), providenciou o transporte para o campo e o nível óptico. Os meios necessários aos diversos registos (fotográficos e gráficos) foram fornecidos pelos investigadores do projecto.

Os custos financeiros da intervenção foram praticamente nulos. Os poucos gastos existentes foram suportados pela equipa de projecto.

O levantamento fotográfico com Drone foi feito com fundos provenientes da parceria entre este projecto e os trabalhos de investigação do LandCraft (como já referido na introdução), liderado pela Doutora Lara Bacelar Alves.

Além deste levantamento fotográfico, esta parceria incluiu a georreferenciação de pontos no terreno com sistema GNSS e a produção de Modelo Digital de Superfície.

## 2. Objectivos, estratégia e metodologia

O grande objectivo dos trabalhos arqueológicos consistia na caracterização arqueológica da ocupação do sítio do Texugo. Em várias visitas ao local, antes da intervenção arqueológica, houve três factores que nos levaram a escolher este local, como um dos sítios a intervir no âmbito deste projecto:

- a) A existência de uma estrutura semicircular quase no topo do cerro. Esta estrutura parecia configurar um murete;

- b) Os materiais arqueológicos recolhidos à superfície. Apesar de serem poucos e bastante rolados e erodidos, era possível integrá-los genericamente na Pré-História Recente;
- c) A excelente implantação geomorfológica do sítio.

Por outro lado, sabíamos que este monte cónico tinha sido um local de extracção de pedra e que a Quinta existente no colo de acesso ao cerro, tinha sido construída com muitas lajes provenientes daquela área, contribuindo para uma eventual destruição do sítio. No entanto, sem uma intervenção arqueológica, não conseguiríamos explicitar melhor a cronologia das prováveis estruturas.

A caracterização arqueológica deste sítio, passava assim por uma estratégia de trabalho de campo que nos permitisse aceder a informação pouco perturbada, recolher o máximo possível de materiais e sugerir uma delimitação do sítio arqueológico.

Com este objectivo em mente utilizamos a seguinte estratégia de campo:

- Limpeza da área onde as prováveis estruturas são visíveis;
- Abertura de uma sondagem de 4m por 1m, no sentido de perceber se ainda existia alguma estratigrafia e recolher o máximo possível de dados;
- Prospecção imediatamente em redor do sítio arqueológico, para tentar perceber a área de dispersão de materiais, com o objectivo, se possível, de aferir a área original do sítio arqueológico;
- Prospeccionar a envolveria maior do sítio arqueológico;

Considerando a parceria com o projecto LandCraft, surgiram dois novos objectivos:

- O Levantamento topográfico com drone e georreferenciação de pontos no terreno com sistema GNSS;
- A produção de um modelo Digital de Superfície que englobasse os sítios com pinturas existentes no sopé do cerro, quer a Norte, quer a Sul; os sítios de Vale Videiro e Vale Figueira.

A metodologia de escavação seguiu os princípios de estratigrafia e registo preconizados por Barker (1978) e Harris (1989). Durante o processo de escavação e sempre que a natureza dos contextos identificados o exigia, ajustamos os procedimentos considerando as propostas de Angelucci (2003).

### 3. Descrição e interpretação dos trabalhos realizados

- a) *Limpeza da área onde as prováveis estruturas são visíveis.*

A área de trabalho encontrava-se coberta com vegetação rasteira e arbustiva. Toda a zona de trabalho foi limpa com recurso a enxada e serra manual. A faixa ocupada pelo que parecia ser um derrube de estrutura antiga, foi limpa de ervas e cortados alguns ramos de pequenas árvores que porventura dificultariam o trabalho.



**Fig. 3: Área de trabalho, no topo do cerro, depois da sua limpeza**

- b) *Abertura de uma sondagem de 2m por 1m no sentido de perceber se ainda existia alguma estratigrafia e recolher o máximo possível de dados.*

Depois da desmatação efectuada, marcou-se no terreno uma grelha quadriculada de 6m por 2m tendo em consideração a zona disponível para trabalhar e a existência de indícios de estruturas. À quadrícula montada mais a Este foi dada a designação de F10, crescendo a numeração para Oeste; F11 e F12 (quadrículas de 2x2m). Se houvesse necessidade de abrir a malha quadriculada para Norte ou Sul, a desig-

nação cresceria precisamente no sentido Sul/Norte.

A metodologia de escavação utilizada considerava o registo gráfico e fotográfico de todas as unidades estratigráficas identificadas e a sua completa remoção individualmente.

A unidade estratigráfica 01 (UE 01) foi assim desenhada e fotografada nos quadrados F10, F11 e F12 (ver Figura 4). Foram logo identificadas duas unidades estratigráficas (01 e 02), correspondendo precisamente a primeira a uma camada humosa de formação recente, de cor castanha escura, com grandes inclusões de raízes, ervas e pedras

de pequeno calibre (menores de 0,05m). Esta unidade foi identificada nas quadrículas F10 e F11, e a segunda (02) só existia na quadrícula F12 e correspondia a um nível de lajes de xisto de médio a grande calibre (entre 0,05m a 0,25m e maiores). Apresentava raros sedimentos e, quando existiam, encontravam-se muito soltos. Não tinha materiais arqueológicos. Considerando a questão sedimentar e a identificação da disposição das lajes aquando do seu desmonte, interpretamos esta unidade estratigráfica como sendo um antigo moroiço, ou muro construído por agricultores. Esta estrutura encontrava-se numa área de cerca de 8m em redor do acesso ao topo do monte. A sua disposição no terreno criava um pequeno patamar que retinha sedimentos.

A unidade estratigráfica 03 encontrava-se imediatamente por debaixo da 01 na quadrícula F11. Correspondia a um sedimento muito solto, castanho, com muita pedra de pequeno e médio calibre. Não tinha materiais arqueológicos. O processo de formação desta unidade parece corresponder a um nível sedimentar que reflecte uma agricultura não intensiva e não mecânica, ao longo de muitos anos. O tamanho das pedras e das lajes, a inclusão de algumas raízes e o facto de o sedimento se encontrar solto e pouco consistente, ajudou na nossa interpretação. Desta forma explicava-se a existência da estrutura que rodeava parte do topo do cerro a Oeste como uma estrutura tipo patamar, para retenção de sedimentos e igualmente como moroiço.

Os poucos materiais encontrados, foram recolhidos na unidade estratigráfica 05. Correspondia a um sedimento argiloso, compacto com inclusões de pedras e lajes de pequeno, médio e grande calibre e de cor castanha escura. Esta unidade estava perfeitamente identificada na quadrícula F12 assentando em cima de uma outra unidade, a 06 que correspondia à desagregação do substrato geológico.

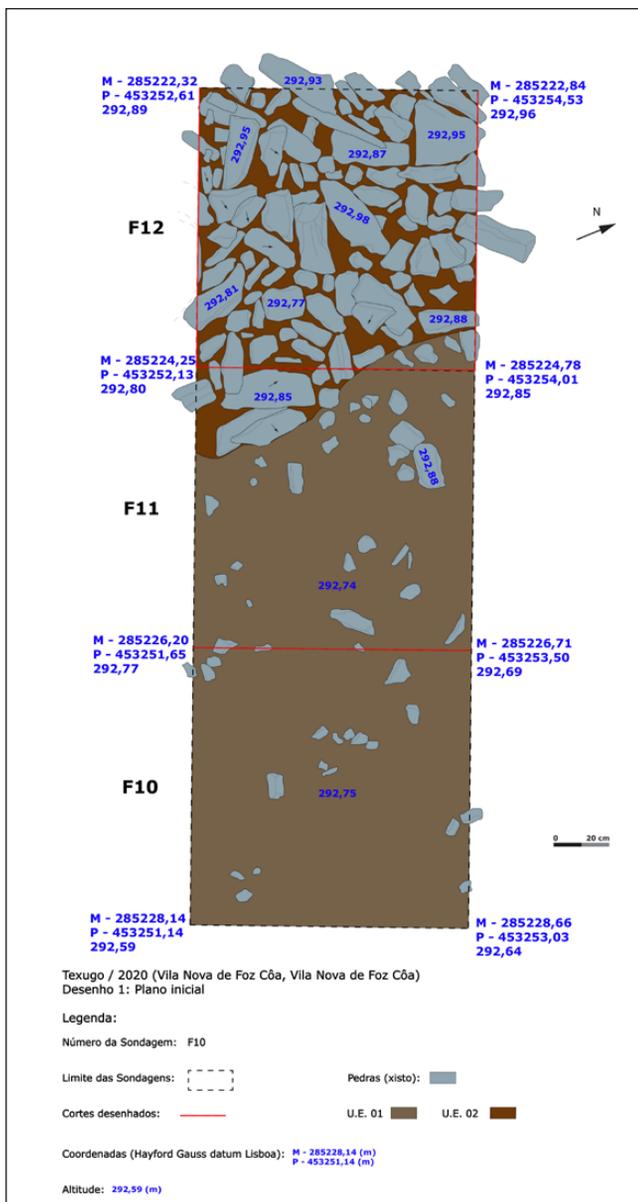
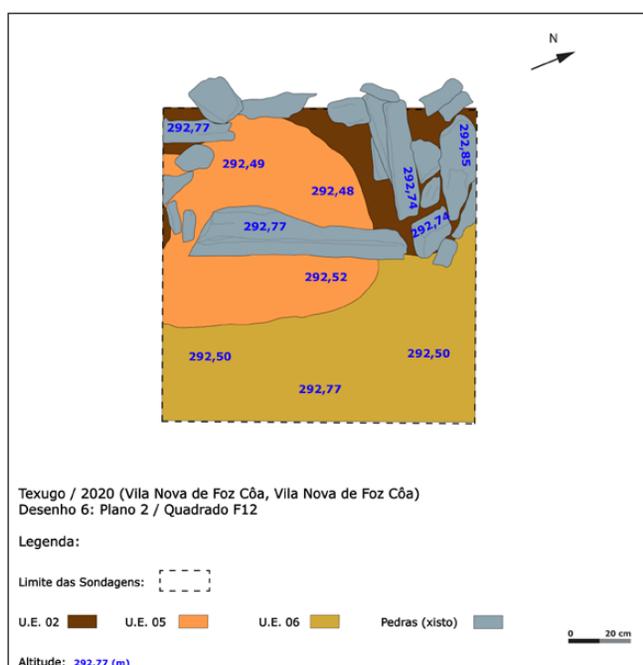


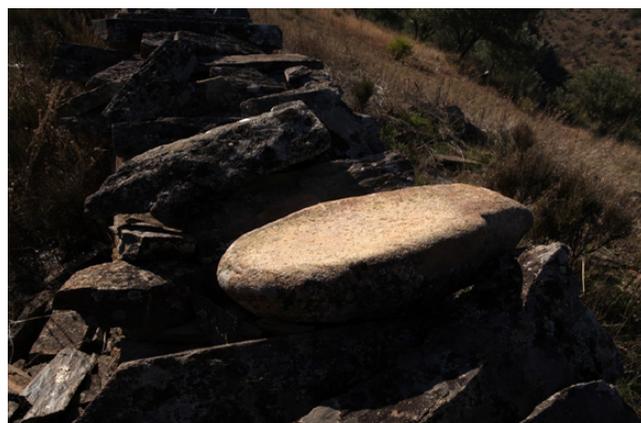
Fig. 4: Plano inicial. Unidades estratigráficas 01 e 02



**Fig. 5: Quadrado F12 com a delimitação das várias unidades estratigráficas**

c) *Prospecção imediatamente em redor do sítio arqueológico para tentar perceber a área de dispersão de materiais, com o objectivo, se possível, de aferir a área original do sítio arqueológico.*

Todo o cabeço foi prospectado, assim como grande parte das plataformas que existem a Norte e Este do topo do cerro e o colo de acesso ao topo. Essa prospecção não se traduziu numa grande quantidade de achados, (apesar da visibilidade do terreno ser boa), mas além dos raros materiais cerâmicos recolhidos, produziu dois achados com algum interesse. Um foi uma grande mó de granito encontrada num muro de propriedade. O segundo foi a superfície decorada com algumas covinhas na parte superior do cabeço do Texugo, quase no topo, e um pouco acima da zona escolhida para escavação. É legítimo afirmar que não existe uma área precisa de dispersão de materiais, mas sim materiais avulsos, dispersos pelo cabeço.



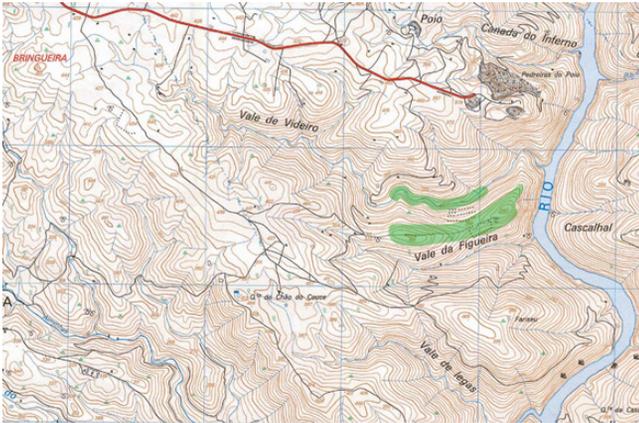
**Fig. 6: Dormente em granito encontrado no muro da antiga Quinta do Texugo**



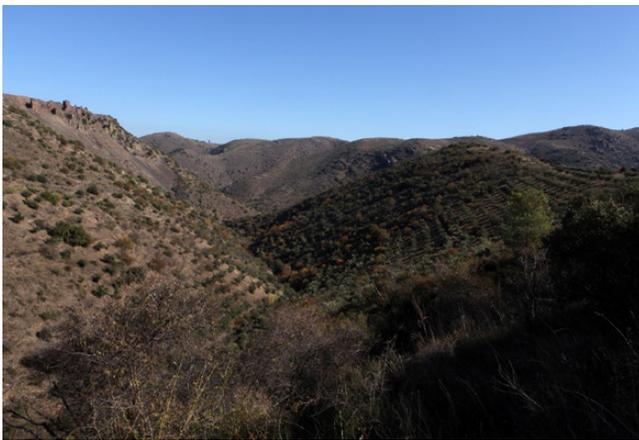
**Fig. 7: Enquadramento paisagístico do afloramento que tem a superfície decorada com covinhas**

d) *Prospectar a envolvência do sítio arqueológico.*

Além da prospecção nas imediações do sítio arqueológico, também procedemos a uma prospecção arqueológica na parte superior adjacente de Vale Videiro. A figura 8 cartografa as áreas de prospecção na envolvente do sítio do Texugo. Considerando os resultados da escavação, optámos por prospectar o monte localizado a Oeste do sítio e o colo de acesso ao topo do Texugo. Considerando igualmente a existência de uma rocha com pinturas no Vale Videiro e uma quantidade interessante de painéis de xisto, decidimos vistoriar o máximo de painéis possíveis existentes nessa área. Não se detectaram novas ocorrências de arte rupestre.



**Fig. 8: Cartografia das áreas de prospecção arqueológica em cartografia CMP 1:25000, folha nº141**



**Fig. 9: Vista geral da área prospectada no Vale Videiro**

#### 4. Observações Finais

Considerando todos os dados provenientes e recolhidos no sítio do Texugo, podemos afirmar que a área do topo do monte foi objecto de algum tipo de povoamento na Pré-história Recente, provavelmente durante o Calcolítico regional. Os poucos materiais arqueológicos recolhidos à superfície e em estratigrafia (unidade estratigráfica 05) corroboram esta ideia. No entanto, e apesar da excelente implantação geomorfológica do local, este não é um sítio de ocupação perene. Não foram descobertas estruturas mais antigas que os moroiços e muros de contenção de terras, nem os materiais encontrados nos remetem para uma ocupação intensiva do local e extensiva no cerro. Foi certamente um local de passagem sistemático e terá sido um sítio com ocupações breves e provavelmente descontinuadas na área do

cabeço. A prospecção feita no local, assim como na envolvente, produziu igualmente poucos dados.

Percebemos igualmente que num passado recente, foi praticada uma agricultura não mecanizada. Esta ideia é atestada pela unidade estratigráfica 03 e pela grande quantidade de pequenos muros de contenção de terras que formam pequenas plataformas, onde se plantaram oliveiras e onde poderia ser feita uma agricultura não intensiva.

A pedra antiga também é visível, não só nos afloramentos geológicos que têm linhas de clivagem de corte em formato de laje, como pela quantidade de pedra espalhada pelo cerro que deverão corresponder a escombros antigos. Ainda hoje, a pedra do Poio labora a menos de 1km de distância.

Com estes resultados, o que fazer? Como pensá-los? Em primeiro lugar temos o achado da rocha com covinhas.

O afloramento escolhido para esta decoração é um bloco de forma sub-rectangular emergente do solo, cujo topo é uma superfície plana e de disposição quase perfeitamente horizontal, que se ergue aproximadamente um metro acima do solo. Divide-se em alguns painéis, separados por linhas de fractura que, numa situação, também definem dois diferentes planos horizontais. As covinhas detectadas são em escassa quantidade, apenas cinco, e dividem-se por dois dos painéis da rocha: quatro na periferia de um painel de maior dimensão, e uma isolada no centro de um painel mais pequeno. Para além de poucas, as covinhas caracterizam-se também pela pequena dimensão e baixa profundidade, sendo visualmente inconspícuas e passando facilmente despercebidas. Este novo achado vem juntar-se ao conjunto da arte rupestre da região do Côa, integrando-se no pequeno conjunto de sítios com (poucas) rochas decoradas com covinhas. Mas é também mais um elemento de uma nítida tendência que se observa nestes sítios e nestas rochas; a sua associação a contextos ocupacionais e/ou artísticos da Pré-história Recente (Reis 2014: 43). Nalguns casos as rochas com covinhas surgem no interior da área de dispersão de materiais arqueológicos do sítio em que se inserem, como sucede com as rochas no Fumo, Tambores ou Ponto da Serra, assim como esta nova rocha do Te-

xugo. Noutros casos encontram-se nas proximidades directas dessas áreas de dispersão de materiais, como sucede com a rocha 2 da Cavalaria ou com a rocha 2 de São Gabriel, esta última bastante perto de uma outra rocha decorada com pintura esquemática. Há também algumas situações em que o contexto é ambíguo, como na rocha 2 da Ribeira da Volta, relativamente perto de um sítio com materiais cerâmicos da Pré-história Recente, mas rodeada de gravuras da Idade do Ferro, ou ainda do conjunto de rochas com covinhas do Alto das Malhadas, inseridas num contexto arqueológico simultaneamente da Pré-história Recente e da Idade do Ferro. Mas estas excepções não afastam a tendência evidente de associação contextual de rochas com covinhas a contextos da Pré-história Recente nesta área do Côa. Essa tendência prolonga-se para outros sítios na região circundante, como testemunham o achado de blocos soltos ou afloramentos com covinhas em outros sítios da Pré-história Recente; Castanheiro do Vento (Cardoso 2010:230 e Vale *et al.* 2011:156), Castelo Velho de Freixo de Numão (Coixão 2014:27), Abrigo 3 da Painova (Coixão 2014:27) e Vale Ferreiro (Coixão 2014:31). É de realçar ainda o achado isolado de uma grande laje de xisto com cerca de 1,50m por 1,00m com uma grande figura antropomórfica e mais de duas dezenas de covinhas, no sítio do Caga Cão (Cardoso 2010:437-438), a cerca de 1000m da importante estação arqueológica de Castelo Velho de Freixo de Numão.

É necessária alguma prudência na interpretação destes dados. Uma primeira análise das cronologias conhecidas para os contextos associados a estas rochas com covinhas sugere uma prevalência de sítios inseríveis entre os 3º e 2º milénios a.C., mas vários destes sítios não foram ainda alvo de investigação arqueológica desenvolvida. O conjunto de sítios e rochas aqui referidos não é muito elevado, e seria necessária uma investigação alargada de múltiplos sítios arqueológicos para melhor contextualizar a relação entre rochas com covinhas e outros sítios arqueológicos. E seria um erro evidente da nossa parte tentar generalizar uma interpretação para as elusivas covinhas, um fenómeno tão amplo a nível mundial e com contextualizações tão diversas, a partir

de um pequeno conjunto de exemplos numa região limitada. Basta olhar para a realidade conhecida no distrito de Vila Real, por exemplo, para notar a variedade de situações, contextuais e cronológicas (Alves & Reis 2009). Assim, de momento, é suficiente constatar a tendência existente na região do Côa e áreas circundantes, a associação, mais ou menos directa, de rochas decoradas com covinhas a contextos arqueológicos da Pré-história Recente, de que a nova rocha do Texugo é o mais recente exemplo.

Em segundo lugar, e considerando a escassez de dados arqueográficos, torna-se interessante reflectir precisamente sobre o facto de este não ser um local de ocupação permanente, mas sim um local que terá sido alvo de uma ocupação esparsa no espaço do cabeço e breve, nos vários tempos de ocupação. Estamos assim a falar da mobilidade destas comunidades.

Quando falamos de mobilidade de comunidades da Pré-história Recente, nesta área geográfica do Alto Douro, estamos a falar da relação do homem com a paisagem. Estamos a falar de um processo de territorialização. A movimentação entre sítios, principalmente ao longo do 3º milénio a.C., é um processo de estruturação de um território. Os sítios são pontos importantes numa paisagem, mas a mobilidade entre eles é fundamental. Alguns destes locais tiveram uma ocupação que perdurou no tempo, caso de Castanheiro do Vento e Castelo Velho de Freixo de Numão, outros tiveram uma ocupação menos continuada (ver Cardoso 2010:384-396), caso do sítio do Texugo. Esta diversidade aliada às diferentes implantações geomorfológicas são uma forma de viver a paisagem, de arquitecturar um território (Cardoso 2020).

O tempo da mobilidade não é um esforço na procura de caminhos óptimos entre sítios, é um tempo de conhecimento de espaços e de consolidação do sistema agropastoril destas comunidades. A relação do homem com a paisagem acontece em muitos lugares e particularmente nos percursos entre eles.

O sítio do Texugo, no cimo de um cabeço, caindo em ribanceira sobre o rio Côa, não é um ponto de passagem, mas sim um nódulo de chegada e partida. A visibilidade extraordinária que possui, a área que visualmente alcança e acima de tudo o território

rio que observa terá contribuído para a identidade de uma, ou várias comunidades, com um território; com o seu território. Este sítio não marca a paisagem da Pré-história Recente deste território, como terão marcado Castanheiro do Vento e Castelo Velho de Freixo de Numão, ou mesmo a Zaralhôa e Montes (Cardoso 2019), mas faz parte de um conjunto de nódulos que marcam a territorialização desta paisagem. A especificidade deste tipo de sítio não é a sua monumentalidade arquitetural, mas a sua quase invisibilidade. É um outro tipo de sítio que em conjunto com todos os outros sedimenta a dinâmica identitária destas comunidades, com uma paisagem que se vai transformando em território.

## Bibliografia

- ALVES, L. B. & REIS, M. (2009) – “No limiar das ‘artes’? Questões em torno da permeabilidade de fronteiras temporais e espaciais da arte rupestre de Trás-os-Montes Ocidental”. *Aqvae Flaviae* 41: Chaves, pp. 45-92.
- ANGELUCCI, D., (2003) - A partir da terra: a contribuição da Geoarqueologia In Mateus, J. E.; Moreno-García, M., eds. - *Paleoecologia humana e arqueociências: um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob a tutela da Cultura*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 35-103.
- BARKER, P., (1978) – *Techniques of Archaeological Excavation*, London: Routledge Press.
- CARDOSO, J. Muralha, (2010) – *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa). Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemáticas do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, Palma de Maiorca, Vessants, arqueologia i cultura, SL.
- CARDOSO, João Muralha, (2019) - *Castelo Velho de Freixo de Numão. Um sítio, uma paisagem*, ed. por Susana Lopes. *Olhares sobre Castelo Velho de Freixo de Numão: Revisitar um Recinto Pré-histórico do Alto Douro Português*, DigitAR Extra Número 1, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 51-94.
- CARDOSO, João Muralha, (2020) – O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura de um sítio à arquitectura de um território, In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 913-924.
- COIXÃO, António, (2014) – *Arte Rupestre do Castro de São Jurge (Ranhados – Mêda)*, Mêda, Câmara Municipal de Mêda.
- HARRY, Edward (1989) - *Principles of Archaeological Stratigraphy*, 2<sup>nd</sup> edition, London: Academic Press.
- MAGALHÃES, C., MURALHA, J., REIS, M. & BATARIDA, A., (2020) – *Trabalhos Arqueológicos no Sítio Calcolítico na Pedreira do Poio*, In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 899-912.
- REIS, M., (2014) - *Mil rochas e tal...!: Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (conclusão)*. *Portvgalia* 35, Porto, pp. 17-59.
- RIBEIRO, M.L. (2001) – *Carta Geológica Simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa*, Coleção Álbuns do PAVC, Vila Nova de Foz Côa, Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- VALE, A., MURALHA, J., CARVALHO, B., GOMES, S., VELHO, G., JORGE, V., JORGE, S., (2011) – *Trabalhos Arqueológicos em Castanheiro do Vento, intervenção de 2010*, *Côavisão* 13, Vila Nova de Foz Côa, pp.149-158.